

## Praticar o terceiro olho na pesquisa comunicacional: uma proposta de estudo vivencial da comunicação

Ciro Marcondes Filho

### SOBRE O AUTOR >

CIRO MARCONDES FILHO >

Doutor em Sociologia da Comunicação pela Universidade Johann Wolfgang Goethe (UJWG).

Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: [cjrmfilh@usp.br](mailto:cjrmfilh@usp.br)

### RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

Esta Aula Inaugural serviu para que fosse apresentada a proposta de estudo e pesquisa da comunicação desenvolvida há mais de duas décadas pela ECA-USP sob o nome de Nova Teoria da Comunicação. De forma bastante resumida, foram apresentados os dois aspectos principais desta proposição, centrados no acontecer da comunicação e em seu procedimento investigativo. O acontecer exclui a ideia de que comunicação tenha a ver com transmissão, que ela seja algo constante e próximo à informação. O investigar busca afastar-se dos “métodos”, que antes inibem a descoberta do novo e parte, ao contrário, para caminhos não traçados, criados *ad hoc*, numa nova leitura da fenomenologia em que o pesquisador torna-se repórter fiel, testemunhal, fotográfico da cena, sem procurar explicá-la ou interpretá-la. O próprio pesquisador aprende e se transforma enquanto pesquisa.

This Inaugural Class served to present the proposal of study and research of communication developed for over two decades at ECA-USP, under the name of New Theory of Communication. In a very brief way, were presented the two main aspects of this proposal, centered on the occurrence of communication and its investigative procedure. The event excludes the idea that communication is related to transmission, that it is something constant and close to the information. The investigating seeks to move away from the “methods”, which in the first place inhibit the discovery of the new and goes on the other way, for unplanned paths, made *ad hoc*, in a new reading of phenomenology in which the researcher becomes faithful reporter of the scene without seeking to explain or interpret it. The researcher himself learns and transforms himself as a researcher.

Esta Aula Inaugural sirvió para que se presentara la propuesta de estudio e investigación de la comunicación desarrollada hace más de dos décadas por la ECA-USP bajo el nombre de Nueva Teoría de la Comunicación. De forma bastante resumida, se presentaron los dos aspectos principales de esta proposición, centrados en el acontecer de la comunicación y en su procedimiento de investigación. El suceso excluye la idea de que la comunicación tenga que ver con la transmisión, que sea algo constante y próximo a la información. La investigación busca alejarse de los “métodos”, que antes inhiben el descubrimiento del nuevo y parte, por el contrario, para caminos no trazados, creados *ad hoc*, en una nueva lectura de la fenomenología en que el investigador se convierte en reportero fiel, testigo, fotográfico de la escena, sin tratar de explicarla o interpretarla. El propio investigador aprende y se transforma en investigación.

É com muito prazer que eu estou aqui novamente na Cásper Líbero, na realização da segunda edição do Quinta Essencial. Acho bastante bem-vinda essa oportunidade de discutir o que é comunicação e tenho sido um dos batalhadores para que esse tema seja cada vez mais debatido em nossas faculdades de comunicação – o que não é uma coisa óbvia, pelo contrário, temos sentido um certo distanciamento de muitas faculdades na discussão daquilo que é sua própria identidade acadêmica, que é a definição de como usam o termo “comunicação”.

Parece-me que a vida se constrói nos tropeços. Na verdade, eu não escolho o meu futuro nem minhas inquietações, são eles que cruzam meu caminho. Como dizia o pensador Ludwig Klages, eu não realizo nada, mas participo de um mundo onde as coisas acontecem e me atravessam. Assim, eu me vi conduzido à comunicação, sendo atravessado por fatos que me desestabilizaram, que me provocaram e me tiraram a paz. Para mim, comunicação não é qualquer coisa – me disseram esses fatos –, não é qualquer ocorrência ou qualquer manifestação. Passamos pelo mundo sofrendo a ação de incontáveis sinais, feixes de luz, sons, energias e intensidades. Nem todos nos incomodam, nem todos nos despertam - passamos bem sem eles. Mas o fascínio da vida está exatamente naquilo que nos desarranja, que nos retira da indiferença e que nos obriga a pensar e a rever nossas posições. A isso eu chamo comunicação. Assim como na teoria, na vida prática os feixes atravessam esse objeto, o meu corpo, para fazer-me notar que, afinal de contas, comunicação é algo incomum, especial, um tranco produzido pela contingência do próprio existir.

Minha trajetória me fez passar por uma série de momentos ou situações na comunicação, que vieram a partir da minha formação na ECA-USP – ao mesmo tempo que eu me formei também na FFLCH –, quando comecei a pensar exatamente a questão da comunicação, inicialmente sob a orientação do professor Gabriel Cohn, praticamente um dos dois introdutores, no Brasil, da discussão desse tema naqueles anos de 1960. A partir desse contato senti uma necessidade muito grande de conhecer melhor a comunicação. Eu estudava na Escola de Comunicações Culturais da USP, mas havia constatado que a escola de comunicações da USP não ensinava comunicação, por paradoxal que fosse, o que me fez sair em busca de outras fontes.

Fui para a Alemanha, onde se dizia na época que estariam os principais pesquisadores da comunicação. Estudei com um professor que foi assistente de Theodor W. Adorno e, a partir disso, tive o primeiro contato com os estudos germânicos de comunicação. Na volta para o Brasil, dei prosseguimento a isso, ao mesmo tempo em que dava aulas na Faculdade Metodista, onde praticava pesquisas numa disciplina chamada Análise do Conteúdo, que não compartilhava com os objetivos que hoje eu acredito serem os da comunicação.

Precisei de tempo para amadurecer esse processo e isso ocorreu num momento que considero um divisor de águas nas ciências humanas, o ano de 1989, quando, pela primeira vez, senti em que circunstância se realizava, para mim, um acontecimento da comunicação. Nessa época, eu me reunia com meus alunos de pós-graduação - inclusive um deles aqui presente, o professor Eugenio R. Trivinho, que se tornou uma referência na área de comunicação - e nesses encontros

e debates me ficou muito bem ilustrado o que poderia ser “comunicação”. É que no calor dessas discussões acadêmicas, relativas aos temas de aula ou da atualidade, desse nosso encontro informal e absolutamente despretenso, ideias inesperadamente apareciam e abriam nossas mentes, fato esse que me deu uma primeira luz. Eu diria que esse foi o episódio inaugural que me fez pensar que comunicação não era algo do dia a dia. Fruto da evolução de nossa discussão, de nosso tema, uma ideia inesperada aparece, um insight brilhante se coloca e causa um verdadeiro tranco em nossa trivialidade. Esse pequeno incidente foi, para mim, como uma iluminação, um acontecimento, algo que me fez ver que o novo surge daí, desse encontro inesperado e não programado, desse jogo de fala e contribuições, que, em espiral, produz o novo, aquilo que não estava na cabeça de ninguém, mas que se impõe a nós. Ou seja, um ato comunicacional.

Passado algum tempo, fui desenvolvendo a concepção de que a comunicação surge desse novo, e a partir de debates que fazíamos na Escola de Comunicações e Artes durante os anos 1990 - e que renderam uma série de revistas que fazíamos na época), - foi se ampliando nosso conceito de comunicação. Após o meu retorno do pós-doutorado na França, no começo dos anos 2000, duas outras ideias me despertaram no tratamento do tema: a primeira foi um livreto de Niklas Luhmann, chamado *A improbabilidade da comunicação*, que me alertou para o fato de que comunicação não era algo tão óbvio quanto parecia, ao contrário, era algo extremamente improvável, e me fez pensar que era preciso investigar um pouco mais a fundo para entender em que situação a coisa se realiza. Outro episódio, na mesma época, ocorreu por conta de uma frase de Lucien Sfez, com quem estive na Universidade Paris 1, que dizia que “a sociedade da comunicação é aquela em que as pessoas menos se comunicam”. Essa afirmação parecia casar-se perfeitamente com a frase de Luhmann, fatos que me fizeram avançar um pouco nessa questão, de como entender esse complexo processo dos relacionamentos humanos, que é o da comunicação.

Assim, nos anos 2000, dei continuidade a uma série de cursos na ECA sob o título “Nova Teoria da Comunicação”, em que a ideia era rever o antigo conceito de comunicação e trabalhar com outros paradigmas, especialmente voltados ao acontecer da coisa. Foi nesse momento que chegamos – os alunos, os textos e eu – ao estabelecimento de algumas questões essenciais: a primeira é a de que a comunicação não é aquilo que se imagina convencionalmente ser; quando você fala de comunicação, há geralmente uma ideia de senso comum, uma noção que circula por aí de que comunicação é transmissão, transferência, passagem de alguma coisa de um para o outro. Em oposição a isso, nossa proposta é de que comunicação não é transferência de algo de A para B, mas a recomposição interna que B faz a partir do que recebeu de A. Essa interpretação é oriunda do Círculo Cibernético, um grupo de pensadores que durante a guerra e o pós-guerra se reunia para estudar a mente humana e como funciona o nosso processo mental de produção de pensamentos, de ideias e falas, e que deu origem e fundamentação às intenções e proposições da inteligência artificial. Esse grupo de pensadores, na maioria europeus fugidos do nazismo, começou a desenvolver uma ideia de comunicação oposta à original, dos primeiros cientistas do Círculo, que estava apoiada na teoria

matemática da comunicação, a saber, o modelo de fios e caixinhas, contendo, numa extremidade, a fonte (o emissor), e, na outra, o receptor.

Uma segunda constatação foi a de que a comunicação é um evento pessoal e discreto, não há sempre comunicação, ao contrário, comunicação acontece raramente e não é algo inconsequente. Para nossa investigação, terceira constatação, comunicação se opõe à informação. Ambas surgem de uma primeira categoria, que seria a sinalização, sendo que comunicação seria o confronto com algo diferente, estranho, novo, que desestabiliza, que transforma, em contraposição com a ação da informação, que seria a de prover material, base, elementos para nossa ação no mundo, para aumentar nosso repertório e nossa segurança, em suma, para o reforço das nossas próprias convicções. Uma é adversativa, outra, aditiva.

Nessa altura, outro episódio também fez repensar um pouco a comunicação: a leitura de um livro de Gilles Deleuze em que ele faz um estudo sobre Proust e afirma “comunicação é algo que violenta”. Uma frase que parece, inicialmente, surpreender, mas que, se nós imaginarmos a comunicação como um fato raro que nos transforma, esse termo sugere, ao contrário, uma outra leitura sobre a qualidade da comunicação que praticamos.

Outro episódio, o quinto, nessa mesma época, foi a leitura densa da obra do filósofo francês Emmanuel Levinas, que dizia que para realizarmos a comunicação precisaríamos criar um espaço interno em nós, um certo esvaziamento subjetivo, ou seja, seria preciso que nós abríssimos dentro de nós mesmos um lugar para acolher aquilo que é novo, aquilo que não é nosso. Acolher a alteridade.

Tudo isso fez parte de nossa proposta de repensar e rever o conceito de comunicação e propor à Academia uma nova forma de olhar o termo. Mas isso tudo ainda não bastava, era preciso também que pensássemos, a partir desse conceito, como pesquisar a comunicação segundo o novo formato. E aí viriam mais dois episódios em nossa história acadêmica: o primeiro foram os debates que tive com Daniele Naves de Oliveira, minha ex-orientanda, a propósito da palavra poros, que ela trouxe a partir de sua leitura de Sarah Kofman, em seu livro *Comment s'en sortir?* (em português mais ou menos *Como sairmos dessa?*), em que esta autora propõe que o princípio de pesquisar não deveria se basear em um caminho fixo e determinado, em um método pronto, mas se construir enquanto se vivenciava. Isso complementava nossa visão de comunicação como acontecimento e sugeria uma forma específica de investigá-la. Poros, para a cultura grega, seriam passagens não tão rígidas, não tão estruturadas como são os caminhos, e está em oposição a odos, radical da palavra método, que remete a rua, estrada, via instituída, passagem mais ou menos determinada. Kofman substituiu odos por poros para indicar um caminho que se constrói e que se desfaz em seguida. Isso nos sugeriu que a pesquisa em comunicação deveria seguir o próprio processo comunicacional, ir atrás dele, pesquisá-lo, ao invés de pré-determiná-lo com um percurso fixo.

Já não teríamos mais, portanto, um método, mas um metáporo, conceito engendrado por nós para dar cabo desse novo procedimento de pesquisa. Uma forma de investigação em que o pesquisador vivencia a cena, participa como se fosse um jornalista fazendo uma reportagem e tenta,

de alguma forma, traduzir da forma mais fiel possível aquilo que vivenciou. Mas é algo muito mais, digamos, rico, do que apenas noticiar alguma coisa. Nessa proposta, o objeto não é capturado pelo pesquisador, ele não o domina. Antes, o pesquisador se submete ao objeto e, ao localizá-lo, segue-o e procura apreender o impacto que exerce sobre si e sobre os outros. Trata-se de dar à pesquisa comunicacional um olhar fenomenológico.

Na verdade, o que nós propomos é uma nova leitura da fenomenologia, que parte dos pontos principais do seu criador, Edmund Husserl, mas que os atualiza, tentando superar suas deficiências. A fenomenologia, aqui no nosso caso, voltada ao estudo da comunicação, também precisa produzir, a partir do vivido, um relato denso, fiel, detalhado, preciso, testemunhal, quase não humano, ao mesmo tempo que fotográfico, em que se considera a percepção interior de si e do outro, buscando aquilo que é relativamente estável e independente do observador. Esta é a proposta teórica que apresentamos e a forma como o nosso grupo em São Paulo, o FiloCom, na ECA-USP, tem desenvolvido a questão da comunicação. É um procedimento singular, próprio, incomum na área, no que se refere ao estudo da comunicação e dos processos comunicacionais, e que envolve todos os campos, desde a forma de diálogo, de encontros presenciais coletivos, passando por formas irradiadas (TV, rádio, publicidade), até os usos eletrônicos dos meios de comunicação. Tenho tido alunos que estudam cinema a partir desse procedimento, especificamente o documentário, que é uma forma de produção cinematográfica muito parecida com nosso trajeto de pesquisa, especialmente os documentários em que os realizadores vão construindo a própria narrativa na medida em que realizam as suas filmagens. E também outros campos comunicacionais como a fotografia, estudos ligados a temas no âmbito das imagens ou da ficção, bem como estudos voltados ao lado mais racional da comunicabilidade, como é o caso do jornalismo.

Eu tive o prazer, nos últimos meses, de acompanhar o trabalho de alunos do curso de jornalismo que fizeram estudos de jornalismo vivencial, em que o próprio jornalista vai acompanhando o desenvolvimento do seu objeto e, a partir daí, construindo um relato tanto do que ele viu quanto do que adquiriu como consciência crítica sobre o que seus colegas fizeram no campo do jornalismo. Ou seja, propõe-se aqui uma nova forma de se estudar jornalismo, não à distância, como normalmente se faz no Brasil, em que ficamos de um lado e a imprensa, de outro. Nossa proposta, na verdade, defende que não há essa distância entre pesquisador e objeto, ou seja, quebra-se a relação sujeito-objeto, a “visão de cima”, de que o pesquisador acha que deve ter da comunicação, e ele passa a integrar vivencialmente esses objetos.

Para esse percurso nós tivemos alguns autores, ou alguns teóricos, que nos ajudaram a avançar. A proposição teórica – ou filosófica – que temos da comunicação é fenomenológica, tomando como referência, além de Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Henri Bergson, Alfred Whitehead e os pensadores franceses Gilles Deleuze, Félix Guattari e Emmanuel Levinas. A ideia operacional de pensar a comunicação a partir da sua improbabilidade veio originalmente do Círculo Cibernético, da teoria da autopoiese ou dos sistemas fechados, que influenciou Niklas Luhmann em seu construtivismo radical

e estimulou a pesquisa feita por Lucien Sfez na Califórnia. Desse mesmo Círculo participou Gregory Bateson, do Colégio Invisível, dedicando-se ao estudo de comunicação e aumentando expressivamente os horizontes do que nós tínhamos como comunicação.

Antes disso, antes dos anos 1990 e de nós termos incorporado esse tipo de visão, a área era ocupada pelos chamados clássicos do estudo de comunicação, a Escola de Frankfurt, a Escola de Columbia ou a Escola de Chicago, que tinham olhares sociológicos, antropológicos ou políticos da comunicação. Ou seja, essas escolas e seus autores tomavam a comunicação como objeto deles, mas não estudavam como se dá o próprio fenômeno da comunicação. Talvez isso tenha desestimulado os estudantes de comunicação pelo fato de esses estudos passarem muito à margem do próprio fenômeno comunicacional e manterem-se em especulações teóricas, políticas ou filosóficas, sem efetivamente a conhecerem “por dentro”. (É também o caso da semiótica, que se ocupa em interpretar signos, e de forma distanciada, sem mergulhar efetivamente em como os vivenciamos). Eu acho que isso foi uma grande lacuna, ou um investimento em um só lado, em uma dimensão que eu chamaria de medialógica da comunicação, e muito pouco comunicológica, que seria esse lado de estudar a comunicação como ela de fato se dá entre nós. É isso que estaria, ao meu ver, mais próximo daqueles que estudam a cena comunicacional, o momento comunicacional, aquilo que faz com que as coisas batam em nós e nos transformem.

Além destes autores, também procurei desenvolver aquilo que chamei de “Nova crítica alemã”, que são alguns autores que, a partir da reflexão desenvolvida por Heidegger, fizeram toda uma releitura dos meios de comunicação dentro do cenário contemporâneo, como foi o caso de Günther Anders, Dietmar Kamper, Friedrich Kittler e Vilém Flusser. Por fim, eu gostaria de sugerir que a área de comunicação também se dedicasse um pouco à maneira como os americanos trabalham hoje a questão da comunicação, no caso de alguns autores que estão procurando um novo olhar sobre ela, um olhar em que se vivencia mais o evento, o fenômeno, o acontecer da coisa e não se fala apenas sobre ela. Ou seja, que a comunicação passe a ser algo presente na vida, que interfira nela e que se possa estudar qual é a qualidade da interferência que ela tem sobre as nossas maneiras de ser e de viver.

#### REFERÊNCIAS>>

- Bateson, Gregory, *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 2000. [Edição original, 1972]
- Deleuze, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.
- Husserl, Edmond. *Logische Untersuchungen II, I*, Halle, 1913.
- Klages, Ludwig. *Ursprünge der Seelenforschung*. Stuttgart. Reclam, 1970.
- Kofman, Sarah. *Comment s'en sortir*. Paris, Galilée, s/d [1983]
- Levinas, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa, Edições 70, s/d [2000]
- Luhmann, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. Veja Editora, Lisboa, 2006.
- Sfez, Lucien. *Crítica da comunicação*, São Paulo, Loyola.

---

**Praticar o terceiro olho na pesquisa comunicacional: uma proposta de estudo vivencial da comunicação**